



## **OUVIR O OUTRO: ENTREVISTA NA HISTÓRIA ORAL E NO JORNALISMO**

**Joëlle Rouchou**

Casa de Rui Barbosa/Faculdade da Cidade

O debate sobre as técnicas e as metodologias do Jornalismo não foram, a meu ver, profundamente elaboradas. Para discutir o uso da entrevista nas duas ciências, teremos de recorrer a algumas teorias da Comunicação, da psicologia, da lingüística, da filosofia. O jornalismo, com o imediatismo que lhe é intrínseco, contraiu uma dívida com a teoria? Interessa-lhe qualquer tipo de embasamento teórico?

Recorre-se à metodologia da História Oral para ouvir as narrativas de vida dos entrevistados. Ouvir e conhecer as vivências, suas lutas e significados, no caso da minha tese de Doutorado, dos exilados/imigrantes e ter acesso à compreensão das mudanças que empreenderam desde as margens do Mediterrâneo até o porto atlântico da Praça Mauá. Baseados nas entrevistas é possível estabelecer “correlações entre os campos de forças sociais que comportaram, historicamente, as dinâmicas inerentes às condições de partida destes sujeitos sociais enquanto emigrantes, assim como as correlações que o atraíram para determinadas regiões e as relações que foram estabelecendo nos locais de chegada, enquanto imigrantes”, segundo Maria Antonieta Antonacci<sup>1</sup>.

Se a discussão teórica sobre os rumos, metodologia e ética em História Oral parece estar longe de chegar ao fim, o trabalho de campo continua e é um dos elementos mais fascinantes do projeto. Entrevistar testemunhas dos fatos, privar de sua intimidade, freqüentar sua casa, passear por seus álbuns de fotografias, tomar, talvez, um cafezinho, ou ainda emprestar um lenço para secar algumas lágrimas é absolutamente fascinante. Apesar da necessidade de um olhar crítico sobre os depoimentos, é inegável também o envolvimento com esses indivíduos. Agora não são mais frios documentos que se analisa, mas os

---

<sup>1</sup> ANTONACCI, Maria Antonieta Espanhóis em São Paulo: recuperando uma imigração silenciada, artigo apresentado no 26º encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos



personagens da História, ao vivo, com a contextualização necessária para o melhor entendimento das pequenas Histórias que vão compor o projeto maior.

Por outro lado, a professora Maria Immacolata Lopes, ao apontar caminhos para uma metodologia de pesquisa em Comunicação, *Pesquisa em comunicação*<sup>2</sup>, incentiva a integração de outras disciplinas e ciências para a construção de uma Ciência da Comunicação. Para ela, o fenômeno comunicacional, por ser multidimensional o configura como “um objeto de estudo interdisciplinar”:

“A Comunicação, que por natureza deve recorrer a vários níveis, não teria um só método privilegiado. Deveria fazer uso da multiplicidade de métodos disponíveis, sempre a partir da problemática específica que constitui seu objeto de estudo. Isso introduz fatores de incertezas e de legitimidade quanto aos métodos a usar”<sup>3</sup>

A História Oral – a História também - recorre a outras disciplinas, pede ajuda à Antropologia, enquadra os fatos e documentos dentro de um contexto que a Ciência Política pode ajudar a iluminar. O instigante, como investigador social, é apropriar-se de todas as possibilidades que as ciências Sociais oferecem para alimentar e digerir os elementos que compõem a pesquisa. Portelli vê a História Oral intrinsecamente ligada à memória. Ele mesmo é da área de Literatura Americana da Universidade “La Sapienza” de Roma. E interessa-se pelas possibilidades oferecidas pela oralidade:

“A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, da memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém,

---

<sup>2</sup> LOPES V. Maria Immacolata *Pesquisa em comunicação*, São Paulo, SP, Edições Loyola, 2001

<sup>3</sup> id.



em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais.”<sup>4</sup>

Essa relação entre o pesquisador ou o jornalista deve basear-se em princípios mínimos de civilidade. Portelli exemplifica essa relação com seu trabalho de campo e oferece algumas reflexões sobre o comportamento ético do entrevistador. A dinâmica dessa discussão não está em nenhum manual de jornalismo. Não é uma questão no Jornalismo, nem nas redações – onde não há tempo para teorias – e o que parece ser mais alarmante, não entra no currículo obrigatório das faculdades de Comunicação. Pensar essa relação é tarefa dos jornalistas:

“(…)quando fazemos uma entrevista, invadimos a privacidade de outra pessoa e tomamos seu tempo. (...)meus colaboradores – os estudantes – me pediram: ‘Ensine-nos a fazer entrevistas.’ (...) a única técnica que me ocorreu foi: ajam com educação. (...)Significa que, em vez de irmos à casa de alguém e tomarmos seu tempo a lhe fazer perguntas, vamos à casa dessa pessoa e iniciamos uma conversa. A arte essencial do historiador oral é a arte de ouvir.”<sup>5</sup>

O jornalista também poderia pensar sua profissão como arte na qual a entrevista é seu principal agente. A pressa dos fechamentos impede que as entrevistas sejam trabalhadas pelo repórter como uma conversa que aponta para diversas possibilidades e não apenas àquela que motivou o entrevistador. Não nos referimos apenas às longas entrevistas publicadas em jornais e revistas, sempre atreladas a algum fato que justifique sua exibição. É preciso entender qual a função da entrevista, especificar do que trata esse instrumento tão caro à História Oral e fundamental para o Jornalismo. Poucas matérias de jornal apresentam-se sem a entrevista, por menor que seja a nota, a notícia foi captada por uma entrevista, por telefone ou ao vivo. Será necessário apontar as diferenças e seus usos em cada área do conhecimento.

Mesmo entrevistas curtas, no gabinete de um advogado, na rua cobrindo um acidente, ou por telefone e correio eletrônico, a cortesia vai ao encontro à ética nesse tema. Quando

---

<sup>4</sup> PORTELLI, Alessandro Tentando aprender um pouquinho in *Revista Projeto História n° 15*, São Paulo, ed PUC-SP, Abril/97

<sup>5</sup> PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a Ética na História Oral in ANTONACCI M. A. e PERELMUTTER, D. *Projeto História n°15*, PUC SP, São Paulo, abril 1997. p 22.



falamos em sedução do entrevistado é disso que tratamos, estabelecer uma relação agradável, na qual o entrevistado sintasse à vontade.

Vale lembrar que a História Oral, além de pressupor a democracia – uma vez que é através dos relatos que as vozes até então sem espaço, podem ser ouvidas e lidas -deve ter um projeto bem definido, explicar com a maior precisão do que trata o projeto, esclarecer metodologicamente quais as tecnologias utilizadas, recursos empregados. O leitor vai fazer parte desse projeto. Em História Oral, ele vai participar da montagem da História, uma vez que lhe serão apresentadas várias facetas de uma mesma História. O que vai organizar todo o texto é o tom vital. Ele será um fio condutor que vai incorporar todos os textos dentro do texto final. Os oralistas trabalham com colaboradores e não com informantes em suas entrevistas. é mais um parceiro que vai lançar novas luzes sobre o tema proposto pelo autor do projeto.

Aqui caberia abrir uma outra discussão que seria da autoria do texto em História Oral, uma vez que a relação é construída entre as duas partes: o oralista e seu colaborador. Mas talvez fosse mais produtivo entrar no ponto central do trabalho – entrevistas – não sem antes chamar atenção para esse ponto.

As entrevistas em História Oral podem ser múltiplas ou únicas. Esse procedimento vai depender do tipo de projeto a ser desenvolvido. O importante é que essas falas sejam consistência, que haja espontaneidade. A volta ao mesmo entrevistado é sempre benéfica, uma vez que sua memória será avivada com a primeira entrevista e novas lembranças deverão ser trazidas para um segundo, terceiro ou quarto encontro.

A História Oral oferece várias possibilidades entre elas História Oral de vida; História Oral temática e Tradição Oral. Na primeira categoria a narrativa é o ponto mais importante, onde o testemunho é fonte de riqueza e de análise. Evita-se fazer perguntas, o que vai interessar é o que o entrevistado vai contar. No caso da História temática, vai levantar-se um fato, um acontecimento e as entrevistas com as testemunhas, participantes ou simples espectadores do acontecimento vai limitar seu discurso àquele fato. Enquanto a tradição oral reporta-se a toda narrativa transmitida pela fala. Essas escolhas dentro da História Oral podem ser utilizadas simultaneamente, misturando histórias de vida e temáticas.



Vou trabalhar com as experiências socialmente vivenciadas e como os sujeitos viveram determinado acontecimento. Para isso a História Oral é fundamental. A História Oral como qualquer outra história, tem diferentes tendências e diferentes historiadores que a percebem de determinada maneira. Há historiadores que repudiam a História Oral porque a História Oral peca nas informações. É bem possível. A memória se equivoca nas datas se foi em 17 ou 18 que o trabalhador fez isso ou aquilo, mas não é da precisão que tratamos aqui ao contrário do rigor com a informação correta exigida no Jornalismo. Não estou interessada naquela data mas como ele vivenciou aquele processo. Para muitos historiadores que estão interessados na informação, no detalhe, eles renegam a História Oral. Ao passo que outros, que estão preocupados em como os sujeitos experimentaram determinado acontecimento, como eles vivenciaram determinado movimento, portanto eles estão preocupados em como esses sujeitos apreenderam subjetivamente e incorporaram esse acontecimento na sua memória e na sua reflexão. Isso para mim é fundamental.

A História Oral, de uma riqueza extraordinária, é aquela que vem ligada a uma perspectiva de história social que trabalha com a experiência, homens, mulheres e crianças. Quer dizer, não trabalha mais com o discurso que se encontra no jornal sobre determinado acontecimento, mas trabalha com os sujeitos que vivenciaram de diversas formas. Assim como a revolução francesa foi vivenciada, experimentada e rerepresentada de diferentes formas, imaginemos a quantidade de percepções que as pessoas têm a respeito de qualquer coisa. dessa forma, será possível como veremos, analisar detalhadamente o processo de construção da identidade.

O melhor lugar da entrevista deve ser escolhido pelo narrador, para que ele se sinta mais à vontade. é possível que num primeiro encontro ele escolha um lugar neutro, até que ganhe confiança no projeto, e depois convide para que as próximas visitas sejam feitas em sua casa. A casa é sempre mais produtiva para o entrevistador, uma vez que ele poderá analisar o entorno do narrador, perceber como ele vive, se veste, arruma sua casa, onde guarda seus objetos. Tanto o gravador como a câmera de vídeo devem ser autorizadas pelo narrador, para que ele autorize o uso do registro de suas palavras e sua imagem.



O Programa de História Oral do CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas - prevê, ao todo, seis etapas no processo da passagem do depoimento da forma oral para a escrita. São elas: a transcrição, conferência de fidelidade, copidesque, leitura final, datilografia e revisão de datilografia. Como nem todas as entrevistas puderam ser transcritas e revisadas, por falta de pesquisadores, o programa decidiu liberar as entrevistas gravadas ao público acompanhadas de uma ficha que facilitam o entendimento do pesquisador. Nas fichas estariam referências a trechos poucos claros, uma lista de nomes citados pelo entrevistado, descrição de gestos, expressões faciais, que dariam mais informações sobre o entrevistado. Verena Alberti descreveu a situação de seu arquivo:

“À medida em que o pesquisador escutar a gravação, poderá seguir a ficha de orientação de escuta onde as observações se sucederão na mesma ordem em que as passagens a elas correspondentes aparecem na entrevista. (...) Na passagem do documento da forma oral para a escrita, a transcrição constitui a primeira versão escrita do depoimento, base de trabalho das etapas posteriores. (...) O resultado é um material bruto, muitas vezes extenso, que corresponde, em laudas datilografadas, ao conteúdo das fitas da entrevista.”<sup>6</sup>

Não se trata aqui apenas de tratar de técnicas de entrevista, mas há uma questão ética que deve estar presente permanentemente na discussão. Afinal, as entrevistas vão servir como documentos sobre os assuntos escolhidos. Janaína Amado resume bem essa questão:

“Conversar com os vivos implica, por parte do historiador, uma parcela muito maior de responsabilidade e compromisso, pois tudo aquilo que escrever ou disser não apenas lançará luz sobre pessoas e personagens históricos (como acontece quando o diálogo é com os mortos), mas trará conseqüências imediatas para as existências dos informantes e seus círculos familiares, sociais e profissionais. Nesse sentido existe semelhança entre o trabalho dos historiadores que pesquisam fontes orais e o dos jornalistas, cujos textos também têm o imenso poder de influenciar direta ou indiretamente os destinos das pessoas e os desdobramentos dos fatos a que se referem.”<sup>7</sup>

Amado faz uma referência à semelhança entre os historiadores e jornalistas num ponto que talvez mereça mais atenção por parte dos jornalistas: a influência da publicação dos

---

<sup>6</sup> ALBERTI, Verena *História Oral: a experiência do Cpdoc*, Rio de Janeiro, ed. FGV, 1990. Cap. III

<sup>7</sup> AMADO, Janaína “A culpa nossa de cada dia: ética e História Oral”. In PERELMUTTER D & ANTONACCI, M A (org.) *Ética e História Oral*. Coleção: Projeto História 15. São Paulo, Educ., 1997. P.145-155



relatos, de servir como fonte para a história, influenciando nos destinos de nações. Essa dimensão da eternidade é pouco debatida entre jornalistas e levanta uma questão contundente, mas este não é – neste momento – seu foro de discussão.

Para que serve a entrevista em jornal? Ela deve ser editada? De que forma? Qual o tempo para esta entrevista ser publicada? Se o entrevistado pede “off” de determinado assunto, ele deve constar do texto final? Qual a estrutura da entrevista? Qual seu objetivo? Enquanto em História ainda discute-se a cientificidade da História Oral, a entrevista pode ser um ponto de partida para novas descobertas, ou confirmação de histórias já levantadas ou ainda mudanças de rumo em investigações em curso.

A entrevista é um dos instrumentos básicos do jornalista. É preciso entender qual a função da entrevista, especificar do que trata esse instrumento tão caro à História Oral e fundamental para o Jornalismo. Poucas matérias de jornal apresentam-se sem a entrevista, por menor que seja a nota, a notícia foi captada por uma entrevista, por telefone ou ao vivo. Será necessário apontar as diferenças e seus usos em cada área do conhecimento. Percebemos que a indústria cultural, a dinâmica própria do jornalismo, marcam uma diferença entre a História Oral e o Jornalismo e tornam essas dessemelhanças cada vez mais claras. Enquanto o oralista prepara um documento minuciosamente, o jornalista também preocupa-se com a minúcia, mas a difusão tem um papel relevante que não se coloca para o historiador. As explicações ainda são insuficientes. A entrevista, a fonte oral, quando publicada tem fê de documento.

Como se sabe, no jornalismo há pouco material publicado sobre entrevista. Enquanto em História é possível pensar a entrevista como questão, levantar calorosas discussões sobre a validade ou não da História Oral, construir teorias sobre o melhor uso desse instrumento, o Jornalismo discute essa questão com o pragmatismo de perceber a entrevista como uma técnica da prática diária do ofício do jornalista.

Um passeio nas redações ou em salas de aula de Jornalismo permitem afirmar que não é sempre clara a função do jornalista diante do entrevistado e de como conduzir uma entrevista. Manuais de redação ensinam como devem ser entrevistas tecnicamente, perguntas curtas, incisivas, agressivas, mais contundentes ou ainda como melhor ganhar a confiança do



entrevistado. O jornalista entrevista empiricamente, faz parte inerente de seu ofício entrevistar, perguntar – pois mesmo que não publique o relato de seu interlocutor, ele o entrevistou para ter acesso a alguma informação.

Os historiadores preparam uma hermenêutica da oralidade, criam manuais de transcrição de entrevistas. Talvez fosse um bom momento também pensar a função da entrevista em jornal, pois percebemos nesse momento em que convivemos com novas tecnologias, que os jornais tornaram-se referência, material didático em escolas primárias, secundárias e nas universidades. Um artigo do historiador José Murilo de Carvalho publicado no *Jornal do Brasil* ou na *Folha de São Paulo* é lido e estudado por estudantes de História e Ciência Política, como parte de sua obra. Devemos pensar na responsabilidade e no alcance que têm os textos que publicamos e que escrevemos. Uma das dificuldades como professora de prática de jornalismo na UniverCidade é a de encontrar opções de teoria da entrevista. Claro que há um extensa lista de obras que estampam as melhores entrevistas, mas a reflexão sobre o tema entrevista, sua função ética ainda está em fase embrionária.

É necessário lembrar que entrevistas publicadas em jornais ouvidas em rádios e até mesmo as televisionadas transformam-se em documentos históricos, uma vez que vão testemunhar opiniões, contextualizar fatos, e servem os pesquisadores de várias disciplinas. Daí a necessidade de uma ética profissional do jornalista mais contundente e uma atitude mais responsável em relação às entrevistas. O jornalista, pela prática diária de entrevista, sabe conduzir uma entrevista, levar o entrevistado para onde ele quer, ou mudar o rumo da entrevista quando ele percebe que há assunto mais interessante em outra viés da fala do entrevistado.

Para que servem entrevistas em jornal? Elas devem ser editadas? De que forma? Qual o tempo para esta entrevista ser publicada? Se o entrevistado pede “ off” de determinado assunto, ele deve constar do texto final? Qual a estrutura da entrevista? Qual seu objetivo?

Enquanto em História ainda discute-se os usos da História Oral, a entrevista pode ser um ponto de partida para novas descobertas, ou confirmação de histórias já levantadas ou ainda mudanças de rumo em investigações em curso.



A diferença é que o historiador tem o tempo a seu lado. O jornalista joga contra o tempo. A urgência da impressão, da difusão da notícia talvez seja uma das causas da pouca análise no trato da entrevista. Edgar Morin classificou quatro tipos de entrevistas:

1) a entrevista-rito “ Trata-se de obter uma palavra, que de resto não tem outra importância senão a de ser pronunciadas *hic et nunc*.”

2) a entrevista-anedótica. “Muitas, a maior parte sem dúvida, das entrevistas de vedetes são conversações frívolas, ineptas, complacentes, onde o entrevistador busca a anedota picante, faz perguntas tolas sobre as fofocas e os projetos, onde o entrevistador e o entrevistado permanecem deliberadamente fora de tudo que possa comprometer. Esta entrevista se situa no nível dos mexericos.”

3) a entrevista-diálogo. “Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana. é uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona ma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema.”

4) as neconfissões. “Aqui o entrevistador se apaga diante do entrevistado. Este não continua na superfície de si mesmo, mas efetua, deliberadamente ou não, o mergulho interior.”<sup>8</sup>

Esta classificação mostra nas entrevistas 3 e 4 a semelhança entre a História Oral e o jornalismo. Não é de um diálogo que trata a História Oral? Não se deseja que o entrevistador se entregue a sua memória contando tudo que sabe e quer sobre um determinado assunto? O objetivo é diferente. Enquanto em jornal busca-se trazer novidade ao público ou apresentar-lhe um personagem, a entrevista em História Oral faz parte do projeto maior: um estudo sobre um tema preestabelecido. Ela é um elemento a mais que os sujeitos históricos conseguiram produzir para se conhecerem. para ampliar seu modo de olhar o social.

Cremilda Medina vai mais adiante à classificação de Morin oferecendo subdivisões dos gêneros descritos pelo filósofo entre elas as entrevistas conceitual, enquete, investigativa, confrontação-polemização, perfis humanizados,<sup>9</sup> Medina estabelece fronteiras entre o uso da entrevista jornalística e o uso da entrevista nas ciências Sociais.

“Nas Ciências Sociais, quando se faz uma enquete, uma pesquisa de campo, a técnica de amostragem é rigorosa. No Jornalismo, embora se dê alguma aparência de representatividade, o aleatório é o específico. (...) Por mais ambição de historiador que tenha o entrevistador, ele estará implicado em tocar o

---

<sup>8</sup> MORIN, E A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham et alii. *Linguagem da cultura de massa*. Petrópolis. Vozes, 1973.

<sup>9</sup> MEDINA, Cremilda *Entrevista: o diálogo possível* São Paulo, ed. Ática, 1990

presente(atualidade); as Ciências Sociais são ambiciosas ao tentar recapturar o tempo e o espaço do homem. O jornalismo lida, fatalmente, com as contingências da presentificação.”<sup>10</sup>

Outra classificação é sugerida por um jornalista francês em seu *Guia da escrita jornalística*. Enquanto arrola os passos que devem ser dados pelo jornalista, oferece diferentes tipos de entrevistas:

“- Informativa: que pode ser integrada dentro de uma reportagem. Trata-se de reconstruir um fato ao qual não se assistiu. Após ouvir as falas de quem assistiu, o jornalista verificará com outras fontes.(...)

- De fundo (opinião): buscam-se respostas de uma pessoa que, por experiência, sua função, tem um ponto de vista particularmente esclarecedor sobre uma situação. (...)

- Perfil: Descreve-se a vida e os hábitos da pessoa entrevistada.

- Expressa: três ou quatro perguntas apenas, com respostas muito breves. O que interessa é que as respostas tragam valor agregado: revelações, opiniões inesperadas ou corajosas, novidades.”<sup>11</sup>

A escolha do entrevistado, no Jornalismo, é determinada pela atualidade, a personalidade, a originalidade. O objetivo é sempre de chamar a atenção do leitor. No texto entra outro trabalho de sedução: a do leitor, para que ele leia o texto do jornalista, com prazer e curiosidade, até o final.

Em seu guia, Martin-Lagardette dedica dez páginas, com ilustrações e tópicos ensinando como se deve entrevistar. Entre eles, a preparação do jornalista antes de ir ao encontro do entrevistado. Recomenda educação e insiste na busca de respostas objetivas. Ensina como se deve tomar notas, indicando inclusive abreviaturas mais comuns na língua francesa. Quanto ao texto final, não se fala em transcrição, mas em reescrita, uma vez que em jornalismo pode-se mudar as palavras sem – espera-se – mudar o sentido das idéias do entrevistado. A discussão do uso da entrevista parece não ter chegado às redações francesas.

Não se pretende condenar o tipo de orientação focada por Martin-Lagardette, pois a urgência das notícias não permite que se dedique muito tempo na feitura dos textos a serem

---

<sup>10</sup> MEDINA, C. id. p.18-19

<sup>11</sup> MARTIN-LAGARDETTE, J-L *O guia da escrita jornalística*. 2000, p 111



publicados. Entretanto nos parece instigante a importância da voz do outro no texto jornalístico. Portelli aprendeu cada vez mais em seu trabalho de campo:

“Embora possamos ser doutores em qualquer matéria entrevistando analfabetos, na situação de campo são eles que têm os conhecimentos, ou seja, ‘o pouquinho’ que estamos ‘tentando aprender’. Podemos ter status, mas são eles que têm as informações e, gentilmente, compartilham-nas conosco. Manter em mente esse fator significa lembrar que estamos falando, ao com ‘fontes’ - nem que estamos por elas sendo ajudados -, mas com pessoas.”<sup>12</sup>

Tanto na História Oral quanto no Jornalismo o entrevistado também faz parte da entrevista. O entrevistado também integra a entrevista, ajuda na construção da memória do entrevistado. O pesquisador, então, também faz parte do objeto da pesquisa.

“(...)história ‘participativa’, na qual o historiador é não só aquele que induz a um depoimento emancipado, mas também (...) aquele que faz com que esse depoimento não seja apenas individual e fechado sobre si mesmo.”<sup>13</sup>

Após a leitura de Medina, Morin, os historiadores, reler as entrevistas publicadas no livro *A arte da entrevista* organizado por Fábio Altman<sup>14</sup>, é possível perceber a diferença profunda entre a entrevista na História Oral e no jornalismo... Não se trata aqui de analisar as técnicas de execução dessa entrevista. Não sobram dúvidas que o jornalista detém técnicas que a rotina lhe forneceu para fazer boas e completas entrevistas, com todos os limites éticos que essa tarefa encerra. Mas as semelhanças parecem terminar aí. A seqüência do trabalho, isto é, transcrever, escrever, redigir é totalmente diferente. Enquanto o historiador oral, como já vimos, está preocupado em ser o mais fiel à realidade das palavras e da situação, uma vez que trata o texto da entrevista como transcrição, o jornalista vai editar a reportagem, ou seja, remontá-la de acordo com os critérios noticiosos. Os fatos mais interessantes, mesmo que declarados ao final da entrevista, devem abrir o texto que será publicado, sem com isso ferir as regras do jogo do diálogo entre entrevistador e entrevistado. São as regras do jornalismo em que o *lead* tem de ser o que foi apurado de mais novo, que chame atenção do leitor.

---

<sup>12</sup> PORTELLI, op cit p 25

<sup>13</sup> FRANÇOIS E, *A fecundidade da História Oral*, in AMADO e FERREIRA org *Usos e abusos da História Oral*, 1998, p 11.

<sup>14</sup> ALTMAN, F *A arte da entrevista* São Paulo, Scritta, 1995



As regras da co-autoria, por exemplo, que são levantadas pelos historiadores, que percebem que o entrevistado também é co-autor do texto final, não são levantadas no Jornalismo. Assim como as relações subjetivas entre o entrevistador (jornalista) e o entrevistado. São questões ainda pouco exploradas nas teorias da Comunicação e do Jornalismo. Há várias maneiras de se conduzir uma entrevista, seduzindo o entrevistado para obter dele o melhor de sua narrativa, provocando sua memória e retirando informações e narrativas, pois as histórias contadas pelos entrevistados são valorizadas no Jornalismo.

As discussões sobre legitimidade da História Oral, os usos de tecnologia, a possibilidade de reescrever as entrevistas fazem parte do debate científico em torno da questão da História Oral. Para o jornalismo não assistimos a esse debate. Sequer entram em pauta os códigos necessários para a profissionalização do jornalista. Não há pudores em mudar as falas, sem trocar o sentido, como já disse, não por uma questão de má fé por parte dos jornalistas, mas porque não se coloca esta questão: o que importa é o conteúdo, uma vez que não está em jogo uma análise de conteúdo e da fora da narrativa, mas o que o entrevistado acrescenta ao processo noticioso. Não é o caso aqui julgar se essa prática é correta ou não, simplesmente levantar questões e buscar utilizar as entrevistas desse grupo de imigrantes/exilados judeus do Egito de forma mais analítica. Uma das críticas ao jornalismo é seu entendimento raso das questões. Num momento em que assistimos a textos noticiosos cada vez mais curtos – necessários para a Internet – tanto nos jornais impressos quanto eletrônicos, talvez a pesquisa em Comunicação pudesse focar a questão da análise da entrevista.

Se o jornalista se conscientizasse de que a entrevista que fez redigiu e publicou transforma-se numa fonte da História, que pesquisadores baseados em seu texto produzirão outros textos, não teria preocupações ao menos metodológicas quanto à utilização da entrevista?



## BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena *História oral: a experiência do Cpdoc*, Rio de Janeiro, ed. FGV, 1990
- ALTMAN, F *A arte da entrevista* São Paulo, Scritta, 1995
- AMADO, Janaína “A culpa nossa de cada dia: ética e História oral”. In PERELMUTTER D & ANTONACCI, M A (org.) *Ética e história oral*. Coleção: Projeto História 15. São Paulo, Educ, 1997. P.145-155
- CABIN, Philippe org. *La communication Etat des savoirs*, Auxerre, Ed Sciences Humaines Editions, 1998, 462p.
- DINES, A *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
- \_\_\_\_\_ *O papel do jornal: uma releitura*. São Paulo, Summus, 1986.
- KRISTEVA, Julia *Estrangeiros para nós mesmos*, Rio de Janeiro, Ed Rocco, 1994
- MARTIN-LAGARDETTE, Jean-Luc *Le guide de l'écriture journalistique*. Paris, Ed Syros, 2000
- MEDINA, Cremilda de A. *Entrevista, o diálogo possível*. São Paulo, Ática, 1990.
- MELO, J.M. *Comunicação social: teoria e pesquisa*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- MORIN, E. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981.
- \_\_\_\_\_ *L'enjeu humain de la communication* in CABIN, Philippe org. *La communication Etat des savoirs*, Auxerre, Ed Sciences Humaines Editions, 1998, (p. 33- 40).
- \_\_\_\_\_ A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham et alii. *Linguagem da cultura de massa*. Petrópolis. Vozes, 1973.
- PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a Ética na História Oral in ANTONACCI M. A. e PERELMUTTER, D. *Projeto História n°15*, PUC SP, São Paulo, abril 1997.439 p.
- ROUCHOU, Joëlle História Oral: entrevista-reportagem x entrevista história, in Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, volume 23, n° 1, janeiro-junho de 2000
- SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- \_\_\_\_\_ e FERRARI, M.H. *Técnica de reportagem. Notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo, Summus, 1986.